S. PAULO (Brazil) | Sabbado, 18 de dezembro de 1909 | ANNO IV — NUMERO 10

Assignaturas para o Brazil
ANNO . . . . 10$000
SEMESTRE . . . . 6$000

Assignaturas para o exterior
ANNO . . . . 15$000
SEMESTRE . . . . 8$000
PAGAMENTO ADIANTADO

FUNDADOR: BENJAMIM MOTA

A Lanterna

FOLHA ANTI-CLERICAL DE COMBATE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Largo da Sé, 5 (sobrado)

Endereço telegraphico: LANTERNA

Numero do dia 100 rs.

Apparece aos sabbados

A' falta de fogueiras...

Um Torquemada, sem fogueiras, manda um grupo de garotos rasgar e vaiar A LANTERNA. — Declarações do "general" na policia. — Gavroche toma a defesa da liberdade. — Batalha campal. — Manifestação espontanea. — Algumas palavras sérias.

A' falta de fogueiras e de bons argumentos, os jesuitas do *Instituto Eduardo Prado — Dispensario dos vendedores de jornaes*, da rua Florencio de Abreu, resolveu prejudicar e depois impedir a venda da nossa folha nas ruas.

Já nos numeros anteriores, servindo-se infamemente das crianças que frequentam aquella instituição de caridade, interessada como se vê, tinham procurado reduzir a nossa venda avulsa. Alguns pequenos vendedores, suggestionados ou captados com promessas, haviam rejeitado *A Lanterna*, que é um dos jornaes mais apregoados em S. Paulo.

Mas no sabbado ultimo, decerto mal inspirados pelo demonio, que evidentemente nos protege duma maneira escandalosa, quizeram dar um grande golpe e, abandonando o mysterio e as trevas, que são o seu elemento e a sua melhor arma, arriscaram-se, com o odio na alma, á luz do sol e ao ruido da rua. *Arriscaram-se* é aqui figura de rhetorica: mandaram as suas tropas de garotos, inconscientes do triste papel de intolerancia fanatica que lhes faziam representar. Isto é, fizeram como qualquer estado-maior moderno ou qualquer governante: ficaram a respeitavel distancia, vendo a batalha por um oculo.

A marcha dos cruzados

O pequeno exercito bento, levando como pendão um cartaz com as palavras: *Abaixo «A Lanterna», Viva os padres!*, começou, desde a praça Antonio Prado e subindo a rua Quinze de Novembro, a arrebatar das mãos dos mais pequenos vendedores, incapazes de reagir, os exemplares do nosso jornal, rasgando-os — isto no meio duma algazarra... celestial (não dizemos *infernal*, como os outros jornaes, tratando-se de criaturas tão seraphicamente inspiradas).

Os valentes cruzado atacavam de preferencia os mais fracos, porque a fé já é pouca para os grandes heroismos...

Eram cerca das 9 horas da manhã.

A nossa intervenção

Informados dos successos, dois nossos companheiros de trabalho acudiram em defesa do jornal e dos vendedores, e um delles, convencido da não espontaneidade da manifestação, viu que o unico meio de obter a declaração do nome do instigador era reclamar a conducção á policia do que parecia ser o chefe do bando, Vicente Franchini, vulgo *Macambira*, que effectivamente foi capturado pelo guarda de serviço.

Declarações do general

Conduzido á policia, á presença do dr. Euclydes da Silva, Franchini declarou que tomára parte naquella *manifestação*, como chefe, a mandado de um padre residente á rua Florencio de Abreu, o qual lhe prometterá e aos seus companheiros roupas novas e pares de botinas para apedrejar a redacção d'*A Lanterna* e rasgar todos os exemplares deste jornal que encontrassem.

O nosso companheiro declarou que não queria o castigo do pobre diabo, mas a autoridade mandou recolher o menor ao xadrez e intimar o sacerdote accusado a comparecer á segunda delegacia, para explicações, como pediu o nosso companheiro.

O padre, porém, que nos conste, não attendeu á intimação.

Gavroche organiza a defesa

Entretanto, sob o commando dum lugar-tenente do general aprisionado, o pouco luzido exercito da fé continuou a sua marcha em direcção ao largo da Sé, onde se encontra a nossa redacção.

Mas Gavroche refizera-se do improviso assalto. Indignados com a prepotencia soffrida, atacados no seu modesto ganha-pão e influenciados pelo ambiente, haurindo enthusiasmo na sympathia popular pela *Lanterna*, os pequenos vendedores, que tinham refluido para o largo da Sé, prepararam-se para repellir o inimigo, tomando disposições para o combate.

A inefficacia da fé

Ao aproximar-se do inimigo, o general Gavroche deu voz de avançar, effectuando-se então a mais brilhante carga á... cacetada que a historia registra nas suas paginas mais fulgidas. O cartaz antilanternista foi feito em pedaços e os sarrafos serviram como hereticas armas de ataque.

Os cruzados tentaram ainda um esforço desesperado; mas o general Gavroche ordenou um habil movimento envolvente, avançando pelos flancos dois batalhões, que decidiram da victoria. O exercito clerical, desbaratado e desmoralizado, debandou então completamente, fugindo em todas as direcções, em quanto o publico circumstante ria até ás lagrimas.

A fé conheceu as horas amargas da derrota: póde ser que ainda levante montanhas, ou pelo menos igrejas; mas já apanha muita bordoada, menos no sentido proprio, sem que se manifeste o auxilio divino. Tudo está perdido!

Passeio triumphal

Terminada a batalha e disperso o inimigo, alguns dos nossos defensores subiram á nossa redacção, onde se apoderaram do cartaz illustrado d'*A Lanterna*, para o passearem triumphalmente pelo centro da cidade, vendendo então o jornal por tal forma que a nossa edição se tornou insufficiente. A rapaziada formou alegre cortejo, que percorreu o triangulo central, acclamando e apregoando a nossa folha.

Obrigado, Gavroche! Mais uma vez bem mereceste da liberdade. Tu foste generoso, vivo, alegre, espontaneo, sem necessidade de instigações, tal qual te concebeu e formou Victor Hugo.

Obrigado, Gavroche!

Alguns dos nossos defensores

Alguns dos nossos bravos defensores, cobertos de louros, quizeram ter a ingenua satisfação de ver figurar os seus nomes victoriosos *em cima* do nosso jornal.

Vivos, irrequietos, irreverentes, os olhos brilhantes e maliciosos, quentes do seu ardente sangue napolitano, eis os nomes, verdadeiros ou «de guerra» que vieram dar-nos:

Scagliuso Terremoto, Lecapice Vincetore, Modesto Vapore, Vicente Fortunato, Santo Vaivia, Modesto Leonardo, Leonardo Modesto, Archanjo Canchalostia, Modesto Torres, Vicente, Chiangone, Jacintho Taneso, Santos Terremoto, Donato Cagnoto, Baptista Cagnoto, Maximo Gonçalves, Cavissigne Luigi, Theophilo Paschoal, Miguel Simão, José Simão, Domingo Carelli, Antonio Papolizio, Vicenzo de Paulo, Antonio Mandoini, Liga Matrabisce, Vicente Breschi, G. Jarmimo Theophilo, Donato Sericolla, Salvador Stadon, Amadeu Ermanese, José C. De Phelippis, José Scagliuso, Vicente Guglielmo, André Scagliuso, Scagliuse Giuseppe, Antonio Baleiro, Lili, João Pelegrini, Sanduro Canon, Ricucci Russo, José Pepino, Modestino Moza, os do Fangucia, Miguel Demaro, Francisco Scagliosi, Wumberto, Angelo, Domingos Rago, Bertucci Palmieri, Paulo Fenaschi, Onofre Pelegrini, Francisco Labote.

Ahi está satisfeito o vosso candido desejo, saltitantes gavroches! Se não sois o sal da terra, sois pelo menos a alegria das ruas!

Não sabemos se os ricos protectores dos cruzados lhes darão roupas e calçado, uma benção papal ou ao menos o titulo de conde. Nós somos pobres e não temos honrarias a dispensar; mas havemos de pensar numa pequena festa amiga, endiabrado Gavroche.

Algumas palavras sérias

Toda a imprensa — com as raras excepções que o leitor facilmente adivinhará — foi unanime em verberar os processos do instigador dos actos de intolerancia que acabamos de narrar

Depois destes successos, numerosos amigos e correligionarios, pessoalmente ou por escripto, offereceram-nos indignados o seu auxilio, para a defesa contra possiveis violencias. Não queremos, porém, de modo algum, insuflar coleras e conflictos.

Outro tanto não fazem os fanaticos nossos adversarios. Além dos pouco perigosos garotos atiçados contra nós pela torva sanha clerical, recebemos continuos insultos e ameaças, como os especimens que hoje damos em varios lugares do jornal. Não querem discutir; querem insultar e aggredir. Tristes reminiscencias, infelizmente ainda numerosas, de um velho passado sombrio, querem fazer respeitar pela violencia o dogma intangivel. A criminosa intolerancia cega-os.

Pois bem: nós respeitamos as pessoas e repellimos, como fundamentalmente contraria ás nossas ideias, a violencia, que censuraremos, venha d'onde vier.

Mas não podemos fugir ao cumprimento do dever que fortemente sentimos de combater as ideias que julgamos falsas e nocivas. Que nos o respondam no mesmo terreno.

E quanto á critica dos actos, se em algumas accusações nos enganamos — não somos infalliveis como o papa! — que nos provem claramente o nosso erro e não poremos duvida em reconhecer — ao contrario dos clericaes, tão levianos em calumniar, como difficeis em rectificar.

Se nos repugna a violencia contra as pessoas, achamos, porém, necessaria e altamente moral a legitima defesa — para a qual estamos promptos e preparados.

Tenham, pois, juizo os fanaticos intolerantes que nos ameaçam. Tomem bromuro e deixem-nos em paz — para honra e proveito de todos.

Amen!

A Escola Moderna em S. Paulo

Na ultima reunião do comité pró-Escola Moderna ficou resolvido que se começassem os preparativos para se realizar em S. Paulo uma grande festa artistica em beneficio da Escola.

Para esse fim, já se conta com o concurso dos grupos dramaticos «Pensamento e Acção» e «Giordano Bruno» e com uma das melhores orchestras da capital. Pretende-se tambem levar a effeito uma grande kermesse, para o que já houve promessas de dadivas valiosas.

O sr. Orestes Ristori vai fazer uma série de conferencias com projecções luminosas, cujo producto tambem reverterá em favor da Escola Moderna.

O comité recebeu grande numero de cartas de adhesão a esta iniciativa, em muitas das quaes os signatarios pediam listas de subscripção, que já foram remettidas.

Foram recebidas algumas quantias em dinheiro, que em breve serão publicadas e depositadas na Caixa Economica.

A secretaria do comité, na rua Gomes Cardim n. 5, têm ido muitos operarios de diversos officios offerecer os seus serviços gratuitamente, para a construcção do edificio escolar.

Um grupo de cidadãos e distictas senhoritas de Jundiahy promoveram uma kermesse e um espectaculo em favor da mesma escola.

A verdadeira Mão Negra



†

V. J. M. J.

Snrs. Redactores do pasquim A Lanterna.

Lembram-se V. V. do que aconteceu a Apulchro de Castro, o pasquineiro do tempo do Imperio, na antiga Côrte?

Pois que essa lembrança lhes sirva de aviso e de licção, e si não querem soffrer igual castigo (que o merecem, ó si o merecem!) mudem quanto antes de rumo e deixem de andar enxovalhando o Clero e a Igreja.

Que?! será possivel V. V. persistirem, sem um castigo exemplarissimo e tremendo, nesta obra satanica de insultar sacerdotes virtuósos, o sagrado nome de Deus e do seu Unigenito, os sacramentos e tudo quanto, é Sancto Sagrado e Bom?!

Fiquem sabendo que nós, os Catholicos de Campinas, o glorioso berço de D. Nery ainda agora honrado com a visita do Dr. Senna, illustrado director da E. de Minas, NÃO CONSENTIMOS que V. V. continuem insultando irmãos nossos, como fizeram com o douto Gabriel Martins; tambem ficam V. V. prohibidos de se referirem desrespeitosamente aos jornaes Catholicos, e em especial ao *Mensageiro Parochial*, a excellente folha de Vicente Mellilo, de collaboração com o sapiente P. Osamis, director dos Maristas, e outros eminentes sacerdotes e homens de lettras, dos quais um até é da Academia Paulista.

V. V., e todos os hereges e atheus, são uns perversos, aliados do *tinhoso*; não merecem a minima consideração nem piedade, porque por causa dos crimes de V. V. e dos outros como V. V., todos nós estamos penando: V. V. atrahiram as Iras de Deus sobre o Brasil!

Cuidado! A raça dos Ravaillac não se extinguiu ainda!!!

Um Filho de Maria Santissima.

†

—

NOTA. — O original, com o correspondente enveloppe, acha-se em nossa redacção á disposição de quem o quiser examinar. Isto para evitar que se supponha ser calumnia e invenção nossa o presente escripto.

Tiro pela culatra

O estado maior do exercito de parasitas ha de sentir-se orgulhoso com a *victoria* ganha no sabbado ultimo por um bando de garotos que, ás ordens de um chefe do mesmo titulo, assaltou os meninos que apregoavam *A Lanterna*, e depois, sem olhar ás consequencias, foram vaiar a redacção do jornal.

Dou a minha palavra que sinto não ser bispo para condecorar, como merece, o general autor desse plano estrategico, honroso para quem o traçou e glorioso para quem o executou.

Se alguma coisa ha que lamentar é que tal commandante, taes soldados: o primeiro um velhaco de força e os segundos pobres garotos inconscientes e inexperientes, que, fascinados pelas offertas do tal padre, não hesitam em atacar innocentes companheiros, que já precisam lutar pela vida, afim de ganhar os meios de subsistencia.

Se analysamos o modo estupido e grosseiro como foi commettida ou organizada tal violencia, não achamos estranho que sejam padres os inspiradores, pois são essas as armas inhabeis e perversas de que aquella especie lança sempre mão. Como aquelle que cospe para o ar, sem lhe vir á ideia que o escarro lhe vai cair na cara, o autor ou autores do plano não repararam que com esse attentado mais popularizariam o inimigo que pretendem combater.

Se achais injustas as accusações e criticas d'*A Lanterna*, porque não usais dos meios que todo homem digno e seguro da sua justiça e da verdade teem á sua disposição para se defender e defender as suas ideias?

São porventura assaltadas as redacções dos vossos jornaes, onde no entanto se prégam as mais insidiosas mentiras aos fanaticos partidarios das violencias e dos processos inquisitoriaes, onde se proclamam as mais atrozes calumnias jámais rectificadas?

Se assim procedeis, como tendes a ousadia de querer obrigar-nos ao silencio sobre os vossos actos e ideias, impostores que abusais do vosso habito e influencia, para suffocar e esmagar todos os protestos, todos os gritos de consciencia?

E' isso o que aprendeis durante os 6 ou 8 annos que passais nas cellas dos seminarios, praticando actos de moral e de religião? E' só isso que podeis contrapor ás nossas bellas aspirações de progresso, ao nosso esforço por um futuro mais risonho do que aquelle que nos offereceis?

Pois estais enganados — porque quanto maior for a vossa furia e mais brutaes os vossos ataques, mais justificareis a nossa propaganda, mais dispostos nos achareis para a defesa das nossas ideias, maior força teremos para a destruição dos vossos erros. As vossas manifestações de intolerancia sectaria são a justificação melhor da nossa acção.

Ribeirão Pires, 14—12—09.

ACHILLES.

Excursão de propaganda

Partiu domingo em propaganda d'*A Lanterna* o nosso companheiro de redacção Eduardo Vassimon, que está percorrendo a linha Mogyana, encarregando-se ao mesmo tempo da cobrança.

Em todas as cidades por onde passar o nosso companheiro fará conferencias, se o local for obtido, para o que, esperamos, os nossos correligionarios envidarão todos os esforços.

E dos assignantes aguardamos toda a boa vontade em lhe facilitar a cobrança concorrendo, desse modo, para a nossa prosperidde.

Em Campinas o nosso companheiro fez uma conferencia na quarta-feira, partindo para R. Preto, Jardinopolis, Salles Oliveira, S. Joaquim, Sertãozinho, Franca e Uberaba. E na volta S. Simão, Cravinhos, Casa Branca, Mocóca, S. José do Rio Pardo, S. João da Boa Vista, Mogy-Guassú, Espirito Santo do Pinhal, Mogy-Mirim, Amparo, Soccorro, Campinas, Jundiahy, etc.

Opportunamente indicaremos os demais logares em que o nosso companheiro tocará no seu regresso.

Para que a sua tarefa seja menos fatigante insistimos para que os nossos assignantes se promptifiquem a auxilia-lo do melhor modo, afim de que o progresso d'*A Lanterna* se accentue cada vez mais para terror dos negros representantes do clero.



— Apesar do seu rótulo positivista — «Ordem e Progresso», hei de engulir esta pilula!

Ecos & Notas

Um milagre

E' um milagre authentico, incontestavel e de mui facil verificação — basta ao ir Rodeio, em Blumenau, Santa Catharina, para se assegurar da realidade do prodigio que, após tantos annos, o senhor bom Deus do universo quiz fazer... talvez num momento de tedio.

Um amigo teve a bondade de recortar do nosso collega *Deutsche Zeitung*, do dia 3 do corrente e traduzir a noticia abaixo:

Como noticia o *L'Amico* folha que se publica no convento de franciscanas de Rodeio, no municipio de Blumenau, deu-se ainda ha pouco um milagre. Diante das portas do convento appareceu, não se sabe como, uma criança recem-nascida exposta. O que podiam as pias irmãs fazer com a criaturita? Difficil conjunctura. Nisto Deus se compadece e agracia, devido ás supplices ardentes das feiras, a uma delles com o leite materno para amamentar o innocente!

Assim acontece no seculo 20 no Rodeio no Estado de Santa Catharina.

E' um verdadeiro milagre, iamos dizendo, quando um irreverente por cima do hombro nos sussurra:

— Que milagre, meu caro! Ainda vais na onda? A tal freira a quem veio leite é a mãi da criança e o pai, como eu e você estamos longe, Satanaz está no inferno e Beppi no Vaticano é, com certeza, o confessor, o director espiritual das irmanzinhas! Escreva isso que é certo. Ainda desta vez o milagre esbarrondou-se!...

Concordam os leitores d'*A Lanterna*?

Burros do papa

ROMA — Na noite de 9, durante forte temporal que desabou sobre esta capital, um raio, penetrando na cocheira do collegio norte americano, matou oito burros de propriedade do papa Pio X, ao qual haviam sido offerecidos de presente.

E' estranho que o fogo do ceu em vez destes servidores e amigos de sua santidade infallivel, não tenha preferido *L'Asino*, folha anticlerical e fulminada... com a excommunhão papal!

Expulsão

Andava pelas ruas desta cidade, ha dias, um homem vestido mais ou menos como um frade: larga e fluctuante tunica alvinitente e sandalias. Pois a policia expulsou-o!! Como perturbador da ordem!!!

Porquê? Por usar trajo pouco vulgar? Mas então porque não expulsam os frades e todos os que vestem extravagantemente, como os homens-sanduiches dos annuncios, etc.?

Por vender folhetos vegetarianos a 200 réis? Porque não expulsam então todos os bruxos, bonzos e feiticeiros, a começar pelos da religião catholica, que vendem, por junto e a retalho, amuletos, orações, reliquias, e toda a côrte celestial, inclusivé as onze mil virgens, se for preciso?

E' como a respeito dos «terroristas russos» expulsos da Argentina. A policia toma «medidas rigorosas» para impedir o desembarque desses «terroristas» que decerto não fizeram terrorismo algum. Se não fosse a monarchica Inglaterra, estas livres republicas os mandariam de presente ao carinhoso governo de tsar!

Que deliciosa liberdade!

Os morcegos

MADRID—Foi entregue ao governador de Barcelona um documento assignado por 50.000 senhoras, oppondo-se á abertura das escolas leigas.

De certo: mais vale a violencia humana—fuzilamento de pessoas e encerramento de escolas — do que os *argumentos* divinos e uma excommunhão do pontifice...

Santissima intolerancia!

Que praga!

PETERSBURGO—Segundo uma estatistica recentemente organizada pelo Santo Synodo, existem na Russia trezentos mosteiros, reconhecidos ou officiaes, cento e trinta e sete conventos reconhecidos e cento e cincoenta e quatro conventos não reconhecidos, com um total de vinte e um mil quinhentos e setenta e sete monges e freiras e tres mil seiscentos e sessenta e tres noviços

O total dos bens desses mosteiros e conventos attinge a cerca de oitocentos milhões de libras esterlinas.

E lamentam-se os males das epidemias devastadoras e dos terramotos! Quem calculará o mal causado por este parasitismo scismatico-grego e pelo açambarcamento de taes riquezas?

Contra um cadaver

ROMA — Telegrapham de Turim que a corte de appellação condemnou a 16 mezes de prisão e a uma multa o parocho e o sacristão de Vestigné, aldêa do districto de Ivrea, accusados de ultrage a um feretro.

O facto que originou o processo foi o seguinte:

O parocho e o sacristão, não tendo sido pagos, pela assistencia religiosa prestada a um moribundo, quando este, já morto, ia sendo transportado para o cemiterio, tiraram a colgadura que cobria o feretro, pronunciando palavras injuriosas.

E são elles os que accusam os insurrectos de Barcelona de falta de respeito pelos mortos!

Do pulpito

De Romà telegrapham que, na igreja de S. Mauricio, de Forli, o famoso intolerante frade Gemelli, falando dos *milagres* de Lourdes, insultou violentamente os livres-pensadores.

Os padres, no pulpito, julgam-se á vontade; mas, naquelle dia, os livres-pensadores tinham vindo ouvir a predica e um delles protestou, pedindo outro, Vilmassi, a palavra para responder. Não o consentiu a gente da igreja, e como os anticlericaes persistissem em querer rebater as infamias do frade, armou-se uma contenda.

Se os padres querem, nas suas tocas, falar á vontade, que deem livre discussão ou deixem de calumniar e insultar: tal foi a significação do acto.

Deixai vir a mim os pequeninos

Em Porto Alegre foi preso o frade Herculano Crispo, por ter attentado contra o pudor de uma menina. Somma e segue.

O que diz a imprensa

Ferrer e os filhos

Sob esta epigraphe publicou o *Correio Paulistano* de domingo o suelto seguinte:

Está provadissimo, diz uma folha carioca, que Ferrer era innocente. Provadissimo parece que Ferrer tinha um grande amor á humanidade. Ficará provado que Ferrer amava os filhos?

Se os amava era de uma singular maneira...

Ferrer, que sabia gerir os proprios interesses, deixou uma grande fortuna. Mas os filhos e os netos delle não terão um real. Tudo quanto possuia irá metade para um anarchista de Londres, metade para Soledad Villafranca, a mulher que com elle vivia. Assim o ordena o seu testamento.

Ferrer tinha tres filhas. A mais velha, Trindade, ganha o pão numa fabrica de biscoutos; tem dois filhos em vesperas de terceiro, A segunda, Paz, é artista, estava em Paris, ficou muito nervosa, ama a scena e já estreou. (*Rreproduzimos «ipsis verbis»!*). A terceira, Sol, foi abandonada pelo pai criancinha ainda.

Ferrer deixou-lhes apenas o que a lei hespanhola obriga: 1:260$ da nossa moeda a cada uma, mas pedindo-lhes que não acceitassem quantia tão ridicula.

Estranho pai!

Agora que já têm outra coisa a que se agarrarem, os jesuitas concedem o principal: Ferrer era innocente. Isto é: foi assassinado após uma farça infame de julgamento. Eis a grande, a monstruosa injustiça, contra a qual todo espirito recto deve clamorosamente protestar, pondo de parte a personalidade moral e politica da victima. Mas não: os jesuitas só abandonam a primeira calumnia em troca duma segunda, embora esta não se refira á *questão essencial*. Ora! o povo não sabe discernir, confunde tudo e a calumnia fica e faz o seu effeito.

Ferrer *sabia gerir os proprios interesses*, insinua o jesuita. Ferrer era com effeito um habil administrador, mas em favor da obra que creou e á qual pertencia a fortuna que herdara para esse fim. *O seu pão, esse ganhava-o elle, trabalhando.*

E' inteiramente falso que tenha deixado metade dos bens de que era simples e escrupuloso administrador a um anarchista de Londres(!) e metade a Soledade Villafranca; o seu testamento não ordena tal. E' realmente necessaria uma poderosa desfaçatez ou uma incomparavel inconsciencia para affirmar tão tranquillamente esta invenção!

FERRER A NINGUEM DEIXOU OS BENS QUE ADMINISTRAVA, nem o podia fazer sem traição e immoralidade; deixou a administração delles a homens de sua inteira confiança, capazes de continuar a Escola Moderna e a casa de edições.

De Londres não ha no testamento senão William Heaford, que é testamenteiro e não herdeiro. Quanto a Soledade Villafranca, que é *a mãi da pequenina Alba Ferrer*, e não foi só "a mulher que com elle vivia„, ó jesuitas, ó porcos, mas a intelligente professora, a sua dedicada e valiosa cooperadora, e que continuará a obra, deixou-lhe apenas *6.000 pesetas, como a cada uma das filhas* da mulher de quem fôra obrigado a separar-se.

E quanto a estas filhas, eis a carta que uma dellas, Trinidad, publicou nos jornaes.

"Um telegramma particular enviado de Barcelona aos jornaes interpreta os sentimentos de meu pai Francisco Ferrer de um modo tão estranho que, não obstante o desejo de manter o silencio, é-me impossivel deixar de protestar. Meu pai foi o melhor, o mais justo de todos os pais para com os seus filhos.

"Nenhuma de nós foi jamais objecto duma preferencia qualquer. Quando mocinha, tinha-nos sempre com elle, levava-nos frequentemente a passear e procurava continuamente explicar-nos o que os nossos olhos infantis viam. Bonachão, soridente, com aquella bondade que só os pais podem ter, apenas nos reprehendia, quando julgava justo, mas as suas admoestações eram amoraveis. Amava todos os filhos do mesmo modo, com o mesmo grande coração, mas não queria deixar uma prole que vivesse do legado que recebera. Esta é a base do seu testamento. Meu pai trabalhou muito, viveu modestamente, quiz justamente que o seu dinheiro, assim como o seu trabalho, fosse todo para a Escola Moderna, obra de que muito se orgulhava e pela qual morreu."

Os jesuitas, de batina ou sem batina, farão de conta que isto não é com elles. Não engulirão o vomito novamente...

Como causam asco!

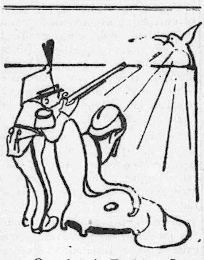
Benjamim Mota

não sendo redactor de A Lanterna, *mas simples collaborador, e vindo raramente á redacção, pede aos amigos o favor de não endereçarem ao seu nome a correspondencia relativa ao jornal.*

Cobrança na capital

Iniciamos ha poucos dias a cobrança nesta capital, sendo encarregado desse serviço o sr. Lucas Mascolo o unico autorizado a fazer cobrança.

Contamos com a coadjuvação de nossos assignantes que assim favorecerão a imprensa liberal, a unica em condições de combater a intolerancia religiosa e o fanatismo delerio e dissotelvente.



— Que bom! Espirito Santo com ervilhas é um petisco de lamber os beiços... Aproveitemos o somno do padre.

Carta ao Sr. José Fernandes

que nos insulta e desafia

Am.º e Sr.

Estamos de posse do seu bilhete de 9 do corrente; e como, apesar de ter um feitio commercial ou quasi, é provavel que não tenha ficado em seu copiador, aqui o reproduzimos tal qual:

Illmo. Sr. Benjamin Motta

Redactor do jornal mais ordinario que existe em S. Paulo

Bandido! voce não conheçe outro meio de ganhar a vida sem ser prejudicial ao clero? pois olhe, o meio mais facil e mais limpo que esse; é roubar; pois que voce roubando dá prejuizos á outrem e não como ser anticlerical, que perejudica todos onos religiosos e faz com que decáhia a nossa sagrada religião. Não seja indecente e especulador (digo ladrão disfarçado) com esse immundo e indecente pasquim de bosta que se intitula «Lanterna», pode ser lanterna de salteador e não um jornal escumungado como essa bosta de s' propriedade. As ordens

JOSÉ FERNANDES JUNIOR

Em primeiro lugar, a justiça manda que descarreguemos o amigo Benjamim Mota, fundador deste pasquim, de boa parte do peso da culpa que o sobrecarrega e da colera de V. S.: elle já não é proprietario nem redactor desta infernal folha, desde o inicio desta nova phase — é apenas collaborador eventual, e por signal não muito assiduo...

E agora tornamos o nosso crime mais negro: nós, os actuaes redactores, tinhamos outro meio de ganhar a vida sem fazer mal ao clero — um meio honesto e socegado, com ordenado certo e pontual, provavelmente muito semelhante ao que o amigo occupa no commercio; mas abandonámo lo, preferindo este, menos certo e tranquillo, naturalmente tentados pelo demonio, só pelo prazer satanico de prejudicar o clero e a religião, affrontando a irada intolerancia dos fanaticos!...

Nós já sabiamos que teriamos de topar no nosso caminho pessoas como V. S., e muito peores ainda; porque ao menos V. S. parece sincero, firmando o seu nome e indicando-nos a sua residencia, em ar de desafio, prompto para todas as consequencias que a defesa da sua fé lhe possa acarretar. Nisso differe o seu bilhete de todos os insultos anonymos que até hoje temos recebido. Ainda bem! Estimamos os homens sinceros e corajosos, mesmo adversarios; é nelles que pomos a nossa maior esperança, porque, sendo mais difficeis de convencer, trazem, porém, quando convencidos, um maior contingente de energia.

Unicamente, essa energia agora é transformada pela fé, que cega e entenebrece, em fanatismo intolerante. Apanagio das religiões, caro Sr. Fernandes. O sr. não argumenta, não raciocina: insulta, esbraveja, espumeja de raiva. O seu desvairamento leva-o mesmo aos insultos incoherentes e contradictorios. Diz-nos que busquemos outro meio de ganhar a vida e acha que deveriamos preferir o roubo, insinuação de padre, pleiteando *pro domo sua*; mas logo adiante affirma que somos ladrões e especuladores. Diz que prejudicamos o clero e fazemos decair a religião; mas, dirigindo-se a hereges como nós, logo devia pensar que isso para nós constitue um elogio e não uma offensa. Estamos convencidos de serem a religião e a Igreja dois grandes males, em combater os quaes devemos, portanto, empregar toda a nossa energia e constancia — com a mesma sinceridade que leva V. S. a defender a sua crença Tambem não nos afflige que o nosso jornal seja excommungado, antes pelo contrario: somos nós que, de animo sereno e satisfeito, como quem cumpre um grato dever, nos collocamos voluntariamente, alegremente, fóra da communhão dos fieis, cujas pessoas respeitamos, mas cujas ideias combatemos com prazer.

O senhor acha que é mais limpo o roubo — o qual pode prejudicar uma classe, a humanidade inteira, como a exploração das Religiões, Sr. Fernandes — do que o damno causado á Igreja e o ataque á Religião. Suggestão de padres, doutrina velha da Igreja: a orthodoxia acima da moral.

Cuidado, bom Sr. Fernandes, com essa enorme immoralidade! A Igreja tem effectivamente interesse em defender e incutir tal doutrina: a caridade bem ordenada começa a cada um por si mesmo... Todo corpo constituido, como a Igreja, procura viver, conservar o seu dominio, o seu poder, e o maior instrumento de poder — a riqueza. Dahi o considerar a heresia, o peccado contra a religião, como mais grave que o crime contra a moral — o que prova serem coisas differentes a moral e a religião. Sempre que a Igreja dominou directamente ou por meio dum governo, a heresia mais simples foi implacavelmente punida, até com a fogueira, ao passo que o orthodoxo podia comprar mais ou menos facilmente a absolvição para os seus crimes mais hediondos. O papa João XXII estabeleceu mesmo uma tabella de preços para resgate de todos os crimes — o parricidio, o assassinato, o roubo, o incesto, etc.

Não se deixe, pois, suggestionar, Sr. Fernandes, por essas horriveis doutrinas anti-sociaes de embrutecimento e de tyrannia. Além da coragem que já tem, tenha tambem a de penetrar, com pé firme, no santuario da sua crença. Estude, analyse, discuta, reflicta; não trema diante de fantasmas, porque se estes são terriveis quando trememos e fugimos, fogem e dissipam-se quando nós aproximamos sem medo. Pensavamos que era um gigante agitando macabramente os braços desmesurados na noite tetrica, e verificamos, de perto, ser um trapo que uma lavadeira deixára a enxugar...

E se quer o nosso auxilio modesto, estamos ás suas ordens. A's suas ordens, entenda-se, para discutir. Porque se é para trocarmos *argumentos* como os do seu postal — confessamos-lhe que duvidamos muito da efficacia dos mesmos; e se é para jogarmos o sôco, ainda peor, pois não cremos que um murro sirva para esclarecer um ponto de doutrina ou consolidar um do-

Vózes do céu

I

Como pondera Maudsley, é muito difficil avaliar a acção exercida por cada orgão na vida psychica; comtudo isso é possivel relativamente a certos orgãos que, como os orgãos genitaes, quer actuam, quer não, sobre o espirito Além da influencia sobre os sonhos, as alucinações, etc., os orgãos genitaes têm uma certa acção sobre a intelligencia Quanto á acção que elles exercem sobre os sentimentos, é enorme

Elles deram nascimento ao amor, sentimento complexo, que envolve sem duvida muitos elementos estranhos á paixão sexual mas em que esta paixão é de qualquer modo a base. Se o homem fosse privado do instincto sexual, a maior parte da poesia e da moral não existiriam. As differenças entre o homem e o eunuco bastam para frisar quão profunda é a influencia dos orgãos genitaes.—PAULHAN—*Physiologie de l'esprit.*

Chegado á porta do vigario, o sacristão Lucas do Amaral parou, olhou para o chão, meditou um instante e, dispondo-se a subir, teve a precaução de não estender primeiro o pé esquerdo. Essa questão era para elle da maxima importancia. Qualquer descuido nesse ponto podia determinar-lhe um desastre.

Entrou, pois, com o pé direito e, chegado ao topo da escada, avistou logo, no seu gabinete de estudos que ficava de fronte, o reverendo padre. O tonsurado, á secretaria, recostado numa poltrona, folheava tranquillamente, á luz opaca duma lampada de *abatjour* verde, uma biblia sagrada.

Lucas deu mais dois passos e, com voz tremula e melliflua balbuciou:

—Cá estou ás suas ordens, senhor vigario.

O sacristão da igreja dos Remedios era um homem de quarenta annos, atarracado, de olhos azues e velha cor. Na dissimullação e má lingua ninguem o supplantava. A sua chronica, no logar, era uma das mais ricas em maroteiras e deboches, mas, como sempre tivera a precaução de não deixar vestigios materiaes das suas patifarias, reputava-se inatacavel, immaculado, e, dando-se ares de muita pureza, redobrava de perversa severidade nas constantes criticas que fazia á vida das outras pessoas.

As suas habituaes palestras em casa do seu compadre João das Rendas, mestre sapateiro, haviam-se tornado celebres Ali não se poupava ninguem, nem mesmo o bom do vigario, que depositava no sacristão uma confiança absoluta e de quem, escuso acrescentar, o maroto do Lucas se dizia amicissimo. O que, porém, tornava mais terrivel o sacristão, eram as suas constantes conversas com beatas bisbilhoteiras e criadas devassas, que sem escrupulos nem pudor o punham ao corrente dos mais intimos segredos da vida de toda a gente do lugar. Isto era tambem geralmente sabido e, por isso, todos o tratavam com o maximo respeito e consideração. O Lucas era, assim, uma pessoa importante, que vivia livre e despreoccupado como um tyrannete.

Nesse dia, porém, uma coisa o inquietava um pouco. Ao terminar, de manhã, a primeira missa, o vigario dissera-lhe, com certa reserva e gravidade, que precisava falar com elle em particular e que, para isso, o esperava ás sete horas da noite em sua casa. Que diabo lhe quereria o padre assim tão em segredo? Haver-se-ia descoberto alguma das suas maroteiras? Quem pecca, teme... E, pois, foi com bastante receio e graves presentimentos que o Lucas, entrando essa noite no gabinete do padre, balbuciou:

—Cá estou ás suas ordens, senhor vigario,

—Entra, Lucas, entra, respondeu amavelmente o cura.

O sacristão sentou-se mais tranquillo. Aquella amabilidade do sacerdote tornava-o mais senhor de si.

O cura tirou uma fumaça ao charuto, largou a biblia, estendeu a charuteira ao Lucas, que se serviu dum delicioso Havana e acabou de serenar a alma; depois, pondo em ordem uns papeis que jaziam em desalinho sobre a mesa, o padre virou-se inteiramente para o sacristão, pigarreou e disse:

—Amigo Lucas, quero pedir-te um favor,

—A's suas ordens, senhor vigario... Terei muito prazer em ouvi-lo.

—Não é coisa de muito trabalho; depende apenas de muito sigillo. Se não fosse a confiança que me inspiras nem te tocaria no assumpto,

—Oh! senhor vigario! Agradecido e fique tranquillo que serei como um verdadeiro poço.

—Pois é isto, Lucas: eu sei que tu gostas da pandega e quero que me ajudes a levar uma a cabo... Tu conheces a viuva Luiza de Magdala, não é verdade?

—Nem eu conheço outra coisa.

—Bem; pois tambem deves saber que essa mulher anda um pouco amalucada por causa do Senhor Bom Jesus do Monte. Encheu-se de leituras mysticas, Santa Theresa, S. Domingos e outras historias de santos e, agora, dizendo-se Esposa de Jesus, não sai do altar daquella imagem.

—Até diz a toda a gente que é Esposa de Jesus, como Santa Theresa; está aqui está no hospicio, coitada...

—Mas para evitar essa desgraça é que eu me lembrei duma coisa. A doença da pobre mulher, atalhada a tempo, é facil de curar.

—Ah! o que ella precisa bem sei eu...

—Sim, mas não ha meio de lhe tirar a scisma. Encasquetou-se-lhe que é esposa de Jesus, que ha de ser fiel ao marido...

—Anda mortinha, anda...

—... Até no confessionario já eu tenho procurado convence-la: «a senhora deixe-se disso, que o amor de Jesus não basta, a senhora ainda é nova, ainda tem o sangue a ferver... Porque não se casa?»—tenho-lhe eu dito.

—E ella, e ella?

—Qual! Que é esposa de Jesus, que não precisa doutro marido nem quer o contacto doutro homem.

—E' pena, é; é pena... Uma mulher ainda tão... boa. Mas que tenciona o senhor fazer agora? Qual é a sua ideia?

—Uma coisa muito simples, rapaz; uma pandegazinha... Por diversas vezes, indo cautelosamente por-me por detrás do altar, oiço a viuva dizer isto: «Meu Senhor Bom Jesus, meu adorado esposo quando virás tu consolar-me á minha casa, como fazias outrora a Santa Theresa e outras felizardas?»

—Tambem eu, senhor vigario; tembem eu lhe tenho ouvido dizer isso...

—Pois hem, sabes de que me lembrei para acabar com isso?

O sacrista ficou todo ouvidos. O vigario proseguiu:

—Vestir eu, uma manhã, o habito do Bom Jesus, por-me no logar delle e, quando a mulher começar com a costumada prece, marcar-lhe o dia e a hora e dizer-lhe que me espere.

—E depois ir lá, devéras!

—Claro!

Os dois socios do mercado catholico riram um bocado e com gosto. A partida era boa...

—Esplendido, senhor vigario. E para melhor ella é uma das primeiras a chegar.

—Pois o teu encargo principal é entreter alguem que chegue antes e não deixares subir para o altar do Bom Jesus senão a viuva. E' preciso todo o cuidado, toda a prudencia e discreção extrema. Qualquer coisinha pode botar tudo a perder.

Não haja duvida, senhor vigario. Eu para isso tenho algum geito, não é por me gabar. A lembrança é esplendida e hade ser bem succedida. Ora que emfim a senhora Magdala, que tem recusado tantos e bons casamentos, vai finalmente ser objecto dum milagre...

—Sim, porque bem comprehendes, Lucas: um padre, antes de tudo, é homem.

—Decerto, ora essa! Deus disse: crescei e multiplicai-vos.

A criada entrou com o café acompanhado de biscoitos deliciosos. O Lucas refestelou-se e pegou no chapeu:

—Bem, senhor vigario, pois amanhã irei mais cedo para se arranjar tudo. Boa noite.

—Até amanhã, Lucas, vai com Deus.

Descendo as escadas o sacristão ia pensando: «Se a sobrinha delle soubesse!»

MOTA ASSUMPÇÃO,

gma. Mais convincentes então deveriam ter sido as fogueiras da Inquisição, ao passo que o mundo está repleto de hereges como nós.

Sem mais, somos com estima, etc.

Subsidios

Para a historia de um crime

O fuzilamento de Montjuich provocou, em meados do mez de Outubro, uma carta de um ex-policia hespanhol, Cruz Navarro, enviada a um jornal de Madrid, que é interessante registrar, porque lança bastante luz sobre o modo como se arranjou o libello accusatorio contra Francisco Ferrer e a origem das explosões mysteriosas que de vez em quando sensacionam a capital da Catalunha.

Na impossibilidade de reproduzirmos a carta na integra, vamos publicar um extracto, que é sufficiente para dar do assumpto uma ideia clara:

« Em fins do anno de 1903, o governo do sr. Maura nomeou Cruz Navarro secretario do corpo de policia judiciaria de Barcelona, incumbido especialmente de perseguir os individuos conhecidos pelas suas ideias avançadas. Pouco tempo depois rebentou uma bomba na rua Fernando, e Cruz Navarro, que fazia então serviço á porta de um convento de jesuitas, na rua Caspe, viu, vinte minutos decorridos sobre a explosão, entrar no pateo do convento uma carruagem de luxo, conduzindo um homem bem vestido, e esse individuo deixar cair no chão, inadvertidamente, um lenço ensopado em sangue. Cruz Navarro bateu á porta do convento, para restituir o lenço, perdido, mas ninguem lhe respondeu e elle foi ao *ayuntamiento* communicar o facto ao governador civil, que lá se encontrava assistindo á formação do auto sobre o attentado. Cruz Navarro fez-lhe a sua exposição minuciosa, communicando-lhe as suspeitas que o tinham assaltado de que o dono do lenço ensanguentado houvesse participado da explosão da bomba, mas o governador limitou-se a responder:

— O senhor está sonhando!

E voltou costas. O policia não desanimou e tornou ao seu posto, com a firme tenção de examinar á porta do covento os pingos de sangue ali deixados pelo lenço em questão. Mas, quando procedia a essa investigação, appareceram outros dois policias, que lhe disseram que recolhesse a casa, porque o governador estava satisfeito com o seu serviço.

Dahi a dias, começaram as prisões e as buscas domiciliarias a granel e o governador chamou Cruz Navarro para lhe perguntar:

— Você precisa de dinheiro?

— Naturalmente—respondeu o policia.

— Então tome lá cem pesetas, a titulo de emprestimo, que pagará em prestações mensaes.

E o governador, dizendo isto, accrescentou:

— Agora, vou pedir-lhe um favor. Conhece D. Francisco Ferrer, o da Escola Moderna, da rua Bailen?

— Conheço o de vista.

— Pois amanhã, acompanhado do agente Millor, você ha de fazer uma busca em casa delle, na certeza de que Ferrer não é estranho á explosão da rua Fernando. A sua carreira é de muito futuro e depende do exito desta diligencia.

O policia cumpriu essa missão. D. Francisco Ferrer recebeu-o amavelmente e, em certa altura da busca, o agente Millor, tirando do bolso um rolo de papeis, disse baixinho para Cruz Navarro:

— Se o camarada quer fazer carreira, diga que encontrámos estes papeis nesta casa.

— Mas quem os forneceu a você?—perguntou Cruz Navarro.

— O chefe da policia governativa, D. Antonio Tressols — respondeu Millor.—Ha aqui umas cartas em que está muito bem imitada a calligraphia de Ferrer.

Cruz Navarro protestou contra a infamia e a busca ficou por ali, queixando-se apenas o governador de que o agente policial fôra pouco habil.

"A Lanterna" em Ribeirão Preto

Continuando ainda com o caso de um veneravel deste oriente pegar no bico da chaleira dos bispos, padres, frades e toda essa orda de gente que infelizmente infecta esta cidade, a qual devia ser digna de melhor sorte, accrescentarei que esse veneravel, ainda não ficou satisfeito com esses actos praticados no mundo profano, os quaes foram a vergonha de muitos maçons deste oriente e de pessoas que não são maçons mas muito o criticaram.

Por occasião do anniversario do bispo, depois de se ter apresentado todo o mundo official para passar o engrossamento de saudações ao bispo, tambem o nosso incansavel veneravel vinha pegar na mão do bispo e dar o grande beijo no anel!

Sr. redactor: Será crivel que um veneravel de uma loja maçonica, o homem que jura perante uma assembleia composta de maçons combater o obscurantismo, o erro e a perfidia, ande segurando em batinas de frades? Infelizmente, sr. redactor, tudo é verdade.

Ainda não satisfeito com esses actos praticados por elle, por occasião da festa de S. Sebastião neste oriente, vai senão quando no meio da multidão que acompanha a procissão, divisamos o nosso veneravel e o secretario da loja maçonica, ambos uniformizados de grande gala, carregando o andor!

Sr. redactor: é este o exemplo de luz e progresso que o veneravel dessa loja maçonica está dando neste oriente aos maçons, seus subordinados.

Em todo caso, como já disse em minha primeira correspondencia, tendo o grão-mestrado recebido denuncia contra os actos praticados por esse veneravel, é de se crer que para brio e honra dos maçons desta cidade e para tapar a bocca do povo que a esses actos assistia, que o grão-mestre, dr. Pedro de Toledo, o punirá para gloria e honra não só dos maçons deste oriente como da maçonaria desta terra.

* * *

Em fins do anno passado, quando em nossa cidade, as familias acabavam de fazer a sua refeição da tarde e alegremente todo o mundo passeava no jardim para melhor fazer a digestão, foi a nossa cidade alarmada com o grito de: «que um socio de uma refinação de assucar desta cidade havia, com uma navalha, cortado a garganta do outro seu socio.»

Circulando de bocca em bocca esta infausta noticia, todo o povo, pressuroso em saber dos factos precedentes que levaram aquella pessoa a praticar semelhante acto de desespero, soube que todos os dias havia questões e bate bocca com o socio, devido a que a familia deste não saia da igreja-convento dos frades agostinianos desta cidade.

Aquella familia frequentou a infame *espelunca*, até que um bello dia, uma moça, ficando seduzida pelos *padres-nossos* e as *ave-marias* dos frades agostinianos, augmentou com um fradecosinho a referida familia!

O socio que vibrou a navalhada, abrindo rigoroso inquerito sobre esse facto, veio a saber que uma filha do seu socio havia sido vil e traiçoeiramente maculada na sua honra e que dos amores vergonhosos resultou o nascimento do fradecosinho!

Chamando então o socio e entrando em minuciosa conferencia sobre esse assumpto com elle, que por padres, frades e freiras seria e será capaz de matar meio mundo e que logo alterou a discussão, viu-se na dura contingencia de defender-se com uma navalha, ferindo bastante o infeliz homem!

Depois disso tudo o caso continuou, mas o socio ferido começou, por instigação dos frades, a processar o seu ex-socio, e a perseguição dos frades contra este chegou ao ponto de no dia do julgamento empenharem-se com jurados, etc para obter a condemnação.

Mas como a causa sympathica do seu ex-socio tomava cada dia mais sympathia, nós vemos no dia do julgamento o povo todo ancioso esperando esse desejado *veridictum*.

Os frades, por um lado, a trabalhar contra o que feriu o pai daquella a quem elles amavam; e por outro lado nós vemos a instituição de Salomão toda com o seu caracter austero empenhada tambem em conseguir a absolvição do accusado. Correndo o julgamento os tramites legaes, o jury na sua alta consciencia absolve, por unanimidade de votos, aquelle que cortou a garganta do seu socio. Melhor coisa do que isto não podia ser; foi só para mostrar áquelles crapulas e infames frades que na nossa cidade ainda existe um pouco de brio e vergonha, e que nem todos como elles pensam que vão segurando e puxando as suas indecentes vestes sacerdotaes.

* * *

Os frades nesta cidade, que habitam aproximadamente ha uns sete annos, tendo nella commettido toda a sorte de tropelias, teem a coragem de, quando todo o povo ainda está descançando das fadigas diarias, ás 4 horas da manhã mandar tocar o sino a chamar os *carolas* para ouvirem a *primeira missa matutina*!

Qual o chefe de familia sensato que a essas primeiras horas da manhã consentirá que sua mulher e filhas, deixando o aconchego do lar, vão ouvir palavras daquelles que só servem para deshonrar as familias dos que o consentem? Qual o pai que consentirá que sua filha, a essas primeiras horas do dia, vá ouvir coisas que moças não podem ouvir?

Ribeirão Preto, 8—12—09.

SIMÃO XIII

PUXÕES DE ORELHAS

Um qualquer B. Sanchester que muito se parece com o sr. Martin Sanches, de Ribeirão Preto, enviou-nos um interessante postal em que escreveu:

Para que *serve os padres?* — R. — Para educar anarchistas como Bernal e outros que não sabem discutir.

Ora, bem. A nossa pergunta é assim formulada — para que serve o padre e não *os padres*, porque, então, teriamos o verbo no plural. Já ahi o Sanchester tresleu.

Em seguida Sanchester, querendo defender seus amigos padres, diz que esses servem para educar anarchistas que não sabem discutir. Nós ignoravamos que o padre tivesse esse mister de educar anarchistas que não sabem discutir. E os que sabem, sr. Sanchester? De modo que o padre educa para que seu alumno nada saiba? Que especie de educação é esta? E é educação ou instrucção?

Provou o sr. Sanchester portanto que a educação do padre é contraproducente, é nulla, de nenhum effeito; e estamos de accordo com s. s. que, pelo que escreve, e pelas insolencias de seu postal parece ser mais discipulo dos sotainas que o sr. Bernal.

* * *

Recebemos o seguinte bilhete:

Itú, 11 de Dezembro de 1909

A' Redação d'A Lanterna

Senhores.

Peço favor mandar-me dizer quem lhe deu a confiança de mandar-me o seu indecentissimo jornal, e de usar do nome de uma pessoa a seu bel prazer.

Estou servido de papel igienico não presizo do seu jornal.

Fo... mente-se com elle.

Antonio Bortolotti.

O sr. Bortolotti aprendeu decerto nos confessionarios e nas sacristias esta delicada e bella linguagem: traz a marca da fabrica.

O que se faz nos seminarios e nas parochias

Revelações do ex-sacerdote Don Francisco Bigliazzi

Peccados intimos

28 de março de 1894— Chegou ao Seminario um conego para a predica da *santa* quaresma. E' um padre douto, eloquente, de palavra facil e fascinante, mas corrupto até á medulla dos ossos. Até em Florença, ha poucos annos, deixou vestigios de impudicicia, e isto bem o poderia affirmar a Curia daquella nobre cidade.

Uma manhã encontrei-o casualmente quando se dirigia para o quarto de um seminarista da montanha, pelo qual tinha especial predilecção. Cumprimentei-o como convinha e elle respondeu-me com um: «Bom dia, queridinho!»

Leitor, eu quereria contar-te todas as torpezas deste sacerdote dado ao vinho, sceptico, delinquente, que pelas suas acções infames roçou por varias vezes a prisão. Principiarei por dizer que na noite anterior ao primeiro dia de *quaresma*, na minha presença e de outro prefeito, comeu dois pratos de carne, uma tigela de mocotó e depois... e depois doces e fructas á tripa forra. Eram as tres da madrugada e ainda comia. Basta isto para te convencer da realidade do jejum em que os padres vão celebrar o incruento sacrificio, e que abstinencia fazem de ovos e lacticinios. As vigilias existem, mas para os tolos, não para os padres e companhia!

No meio da quaresma, o digno sacerdote tinha arranjado já boas relações entre os seminaristas e, conforme nos foi dado deduzir da sua conducta, mesmo entre os que prestavam serviço especial na Sé. Tive occasião de interrogar um destes a proposito e soube que mais de uma vez fôra convidado pelo padre a *ficar* com elle durante a sésta.

Porque não posso revelar os mais intimos particulares da conducta deste orador sagrado para escrever palavras de fogo, lançando-as contra a impura casta sacerdotal?

Entretanto, a viciosa paixão que elle nutria pelos jovens ministros do santuario crescia de dia para dia, até que o subjugou a predilecção por um dos mais sympathicos seminaristas, de face feminil, delicado, com dois pequenos olhos cheios de graça e vivacidade. O joven estava um dia só na sua cellazinha, quando lhe appareceu, armado de garrafas de generoso Marsala, o concupiscente reverendo. Maravilhado, fez-lhe bom acolhimento, disse-se contente com os benevolos offerecimentos de amizade e de auxilio e, em breve, a arte enganadora, insinuante do sordido tonsurado, os mil affectuosos affagos e caricias, e mais ainda os vapores das libações, fizeram cair o desventurado no ponto que o torpe tentador queria...

E aqui, leitor, forçoso me é não te dizer toda a verdade, por motivos que facilmente comprehenderás. Aquelle pobre moço, em breve, chegou a ponto de quasi não comer, nem dormir. Sentia a consciencia censurar-lhe as suas faltas, esquecia até as ordens dos mestres e prefeitos, parecia, em summa, possesso do demonio. O que escrevo não é hyperbole e desafio os meus companheiros de seminario a desmentirem a verdade do facto.

DON FRANCISCO BIGLIAZZI—
Ex-prefeito do Seminario.

Os nossos concursos

Para que serve o padre?

Para comer, beber e dormir; para arrancar do pobre o ultimo vintem; para *embrutecer* o homem desde a sua infancia, impedindo-o assim de ver a luz da Verdade; para *beatificar* e *bestificar*. para fazer propaganda da «pobreza de espirito», afim de que o povo, apesar de todos os dias ter provas irrefutaveis da sua ignorancia, da sua estupidez e das suas infamias, ainda nelle creia, levado pelo temor do tal *inferno*; para ser o instigador de crimes e de roubos; para fazer a ignorancia, o fanatismo e a infelicidade do povo por meio dos seus jornalecos; para desmoralizar o lar do ingenuo que nelle confiar; para desviar do caminho da honra as mulheres casadas; para deshonrar moças solteiras, mettendo-a depois na casa da prostituição romana: o convento; para fazer propagar os infames vicios contra a natureza, por intermedio das suas ESCOLAS e dos seus seminarios; para prégar contra o amor, fazendo da sua polygamia uma virtude; para perseguir os homens honestos; para prégar o odio aos intellectuaes e aos sabios; para prégar a revolução contra os governos honestos que não consentem em sua rapinagem; para estorvar todas as conquistas scientificas, todas as ideias liberaes e todas as grandes aspirações politicas; para *marido* das freiras; para fabricante de *fradinhos*; e finalmente: para suffocar todos os grandes e doces affectos da Familia, da Patria e da Humanidade. —*Frederico.*

— Para roubar escandalosamente o povo inconsciente que ainda se deixa levar pelas suas charlatanescas litanias; para conduzir ao rito da beocia e á deshonra as suas predilectas confessas, commettendo o peccado e absolvendo-se a si proprio; para embrutecer e levar á violencia os seus discipulos; para espantalho nas vias publicas; para corromper e contaminar o povo como um microbio. — *J. M. Bueno.*

— Para adular as mãis afim de captar e seduzir as filhas... — *J. M. Santos.*

— Para embrutecer a humanidade, perverter a familia, levar a desordem ao lar, arrebanhar e imbecilizar ás crianças.—*Mariano Garcia.*

— Para explorar os ricos com os titulos de conde, barão, etc.; para trair os maridos das beatas; para explorar a fé; para commetter actos repugnantes em meninos; para conspirar contra a liberdade; para adular os grandes e humilhar os pequenos; para debilitar e enlouquecer os mysticos e ignorantes com o jejum e o fanatismo; para produzir filhos sem pai e augmentar o numero de concubinas; para explorar por meio dos segredos conhecidos no confessionario; para obter dinheiro com a ameaça do inferno.—*F. G.*

—

Nota—A resposta que saiu em nosso n. 8, tendo como assignatura, por inadvertencia da revisão, um ponto interrogativo, pertence ao nosso amigo Octaviano Reinelt.

As ultimas respostas serão publicadas no proximo numero.

«O Asno na Lua»—Por falta de espaço —o constante motivo!—somos forçados a não dar neste numero o nosso folhetim *O Asno na Lua*.

Queiram desculpar os leitores.

La Divina Commedia

Um nosso amigo, ao retirar-se desta cidade, deixou-nos encarregados da venda de um bom exemplar encadernado, grande formato, do immortal poema de Dante. A edição, com o texto italiano completo, illustrada por Gustavo Doré e com notas tiradas dos melhores commentadores por Eugenio Camerini, é do editor *Edoardo Sonzogno, Milano—1880* e abrange 680 paginas.

O preço minimo é de 10$000. Tudo o que for dado a mais é em beneficio da Escola Moderna em projecto.

O volume encontra-se em nossa redacção, onde póde ser examinado.

— Eis o producto da minha colheita deste anno.

— Bem, podes retirar-te e Deus te acompanhe.

BIBLIOTHECA "D'A LANTERNA"

Tencionamos facilitar aos nossos leitores a acquisição de obras — livros e opusculos — sobre a questão religiosa e social, que elles poderão, por nosso intermedio, mandar vir de fóra ou obter da bibliotheca que esperamos poder brevemente constituir e alargar. Temos o projecto de editar quanto antes um pequeno catalogo não só das publicações que tivermos em deposito, como das que poderemos encommendar fora para os nossos amigos: livros, opusculos, revistas, periodicos, cartazes illustrados, etc. Assim completaremos a nossa modesta obra de guerrilheiros, proporcionando aos anticlericaes e livres-pensadores fontes de estudo, meios de se tornarem cada vez mais conscientes das ideias de liberdade de que são defensores.

Entretanto, temos já á venda:

TIERRA LIBRE, fantasia communista, por Juan Grave, em hespanhol
Edição da *Escuela Moderna*, de F. Ferrer
Preço: 2$000
Elegante volume de 200 pag. encadernado em percalina

Os Amassadores (novella), Gorki .	200
A Mulher e o Militarismo, D. Nieuwenhuis	100
A Peste Religiosa, J. Most . . .	100
Religião da Morte, H. Salgado .	1$200
Sciencia e Religião, Malvert. . .	2$600
Os Apostolos, Renan	3$500
Vida de Jesus, »	3$500
S. Paulo, »	3$700
Religião e Evolução, Haeckel . .	1$400
Monismo, » . . .	1$200
Christo nunca existiu, Milesbo. .	$700

N. B. — E' natural que, não tendo nós capital para empregar na bibliotheca, todos os pedidos DEVEM SER ACOMPANHADOS DA RELATIVA IMPORTANCIA, sem o que não poderão ser satisfeitos, visto termos de pagar adiantadamente ás livrarias ou editores.

Les Hommes du Jour

Interessantissima publicação illustrada semanal de biographias e critica social, literaria e artistica.

Collaboradores artisticos: A. Delannoy, M. Robin, Hermann-Paul, etc.

Redactor em chefe: Victor Méric.

Assignatura annual: 6$000.

Psicologia étnica

por Charles Letourneau

Temos um exemplar, em segunda mão, mas completamente novo, desta interessante obra, edição hespanhola da Escuela Moderna, em 4 volumes encadernados em percalina. Preço: 5$000.

FOLHETIM (9)

Avelino Foscolo

O JUBILEU

III

—Bom! Conversa não adianta expediente: com o agente se haverá!—tornou o conductor.

—Pagarei por ella! —disse o Chagas.

—Ah! meu senhor, que o Bom Jesus lhe dê muitos annos de vida e saude!—agradeceu a velha com voz commovida. Logo vi uão que me abandonaria quando estou proxima a seus pés. Cortei mais de cem leguas, atravessando mattas, dormindo nas arvores sem que os bichos me offendessem para vir cumprir a minha promessa.

—Fez-lhe, então, algum milagre?—interrogou o pintor.

—E que milagre!... José, o meu menino, caira derrubado por uma maligna: era um *feverão* de metter medo. O pobre pequeno, meu unico filho, estava vai, não vai e eu sem recurso algum, mais de dez leguas distante do arraial. Apeguei-me com o Bom Jesus e lá appareceu um mascate de ouro lavrado. Era entendido... Disse que o menino estava com febre pôdre. Fez uma garrafada: — «Quando Deus quer agua fria é remedio!», —disse. Agarrei-me de novo com S. Bom Jesus de Mattozinhos e tal virtude poz na mezinha que o pequeno lá ficou tomando conta da casa e dos cacarecos emquanto eu cá vou com a Vrigem Maria a cumprir minha promessa.

—Pobre mulher! uma viagem assim e de mais a mais sem recurso algum!—volveu elle compadecido.

—O mundo é grande, meu filho, mas a misericordia de Deus é ainda maior.

E a pobre velha lá ficou, arrimada na sua fé inabalavel, certa que volveria com o providencial auxilio com que viera—a hospitalidade mineira.

O conductor, tão rispido com a misera, se aproximou de um caixeiro-viajante, um portuguez baixote, socado, cheio de brilhantes nos dedos, na camisa, na corrente do relogio, falando por quatro e trocando o b por v. O homem á vista do conductor quiz sair para a plataforma, mas o carro ia tão cheio que nada conseguiu. Fez, então, um signal com a mão no alto da cabeça, uma como continencia que era por certo um gesto convencional.

—Vou a pagar!—Disse.

O conductor, tactico tambem, volvera para salvar as apparencias:

—O cavalheiro far-me-á o favor de se apresentar commigo ao agente.

E proseguiu picotando os bilhetes, tão delicado com o viajante quão rigido fôra com a pobre sertaneja que peccara por miseravel e ignorante.

Não o apresentou ao agente.

Preoccupações de outra ordem absorviam, agora, a attenção do Chagas. Que celestial creatura surgiu-lhe aos olhos! Eterno romeiro do amor, sempre em busca da desconhecida ventura, sentia-se arrebatado por aquella mulher inaccessivol, mais seductora consequentemente. Não se saciava de contemplal-a. No azul calmo e limpido dos olhos tranparecia-lhe a belleza da alma, nas auras espigas dos cabellos, no oval puro do rosto de uma serenidade angelical, aberto num como sorriso em que mais se accentuavam o roseo dos labios e o marfineo dos dentes, sentia um mundo novo de paixão e desejava dormir quiçá acalentado ao doce arfar daquelles seios contornados e bellos, preso por aquelles braços num amplexo tornando-o o mortal mais feliz da terra. Era, porém, um desconhecido encontrando-se pela vez primeira na estrada da vida, precito vivendo em constante viuvez, mas condemnado pela sociedade a não contrahir novas nupcias emquanto vagasse pela terra a creatura que era a gehenna de seu destino.

—Benza-a Deus! — exclamou a sertaneja, da plataforma da segunda classe onde se aboletara, fitando a recemvinda, querendo naquella phrase exprimir o culto á belleza.

O Chagas sympathizou-se ainda mais com a velhinha inculta, vindo de longes terras, a romper mundo, como dizia, solitaria e sem dinheiro, por aquelle traço de união ligando-os em torno do mesmo ser.

—Carmen!— exclamou o Sena, saudando a moça. Que feliz encontro! Contava ir vel-os na volta de Congonhas. Laura,—tornou elle, volvendo-se para a esposa—apresento-te meu tio, para mim um segundo pai, de quem te tenho falado por vezes, e minha prima.

(*Continúa*).

Militares e phariseus

Depois do hediondo crime acabado de perpetrar na jesuitica Hespanha, com todas as formalidades da disciplina militarista, não sabemos se ainda cuidaes que sejam compativeis com a vossa vontade as actuaes formulas da lei, tanto nas velhas monarchias como nas modernas republicas.

Monarchias e republicas tal como se acham constituidas não satisfazem as modernas necessidades, porque as suas leis não são amoldadas ás exigencias dos povos, ou, sequer, a transigir com as suas aspirações.

Amoldam-se, não ha duvida, á maneira de cacique, mais para servir interesses mesquinhos, defender o diabolico capitalismo, sempre erecto e rigido como perpetua desgraça das classes laboriosas, que será,—e não de forma a occorer ás necessidades, a instruir os povos e a fazer-lhes justiça.

Contra isto e contra os apregoadores de taes ideias, que tanta verdade transpiram, têm, então, monarchias e republicas, *automatos*, até no vestir differentes da gente, armados de todos os instrumentos precisos para aniquilar, e que, sendo *homens-mechanicos*, matam para cumprir ordens e não por principio de justiça.

E assim, conseguintemente, estes *automatos* ou *homens-mechanicos*, como queiram, onde impera apenas materialidade que não espiritualidade, não têm, para nós que escrevemos, o valor que, com demanda de gloria, outros lhes querem attribuir.

Onde não reside a voz da consciencia e a noção da justiça, não ha humanidade perfeita. Ha humanidade imperfeita, menoscabada, a especie serventuaria que prefere corrompida a dignidade, á sublimidade das coisas justas e de utilidade. Pois taes *automatos* são mais espectros em figura de gente que selvagens sequer na mais lata significação do termo.

E' que nunca vimos utilidade de maior na especie serventuaria, armada até aos dentes, que ainda vegeta no planeta.

Ella, como o sotainismo, caminha por emquanto através da época, mas o seu tempo hade chegar tambem.

Uma e outra especie, que tão emparceiradamente se ajustam e contrapõem como obstaculo ao progresso e ás aspirações do povo, hão de morrer naturalmente.

O porvir se encarregará de destruir uma e outra abjecção, com a mesma facilidade com que, ha dois mil annos a esta parte, tem destruido muitas dezenas de coisas prejudiciaes á evoluida sociedade,—e os padres constituidos lutando sempre, exterminando sempre os defensores da liberdade. Assim foi que padeceu e morreu Christo. Caiu a materia mas não soffrearam a ideia.

Agora mataram Ferrer, mas Ferrer, como o santo educador que destruiu o poderio de Roma e o paganismo de então, jámais se apagará da memoria do povo e a sua obra e morte serão sempre apontadas pelos observadores das coisas da terra, até que desta se não conte, como modelo da mais pura abnegação e do mais devotado sacrificio.

Os phariseus mataram Christo. Os militares hespanhoes mataram Ferrer. Quem mandou podia e quem obedeceu era escravo.

Como nos tempos de Roma. faz recordar tal obediencia a destrinça das camadas sociaes. Uns os senhores e outros os servos. Tal obediencia segue de encontro á mais elementar noção do que seja a consciencia humana, e, portanto, tal especie de obediencia representa a quebra de caracter e independencia.

São uma casta? Uma especie?

Como casta são a gleba, o oppobrio.

Como especie, são uma especie de titeres de dança, que dançam conforme se tocam.

Tal é, synthetizando, a vida das milicias, ainda nos paizes mais adeantados!

Pensamento, razões, justiça, não prestam. Uma ordem recebe-se, cumpre se.

Condemnemos, pois, rei, ministro que mandaram fuzilar o nobre educador Ferrer, mas não esqueçamos de exprobar tambem aos executores do mandato a sua falta de independencia e reflexão. Era mil vezes preferivel ser morto, que obedecer a uma ordem que foi uma injustiça, um resoado de protestos no mundo inteiro.

TOMBORINO.

PEQUENOS ÉCOS

Desenho — Um nosso amigo de Campinas, que assigna Goya, mandou-nos um interessante desenho anticlerical, que opportunamente publicaremos.

Agradecidos.

Grupo Recreativo Carlos Gomes — Este grupo realiza hoje uma *soirée* dansante, ás 9 horas da noite, no salão do Conservatorio Dramatico e Musical.

Agradecemos o convite.

A festa é em beneficio do sr. Francisco Malavoglia.

Pharmacia Freire — Conforme amavel communicação que recebemos, o sr. J. M. de Faro Freire transferiu a propriedade da «Pharmacia Freire», de Santos, aos srs. J. Jambeiro & Comp., a quem auspiciamos todas as prosperidades.

Visita— Tivemos o prazer de receber a visita do nosso amigo e correligionario sr. Francisco Leite Ribeiro, do *Correio de Botucatú*, da cidade do mesmo nome.

Dadiva—Pelo nosso amigo sr. Raphael Perez Villegas, enthusiasta anticlerical, foi *A Lanterna* presenteada com um exemplar da conhecida obra de R. H. de Ibarreta —*La Religión al alcance de todos.*

Agradecidos.

Bazar Musical Amoroso—Este acreditado estabelecimento distinguiu-nos com o envio de um cartão illustrado com o retrato do dr. Ruy Barbosa.

Gratos.

«Lucifero»—Hoje deve apparecer nesta cidade este semanario livre pensador illustrado, em lingua italiana.

Pelo programma que apresentou promette ser interessantissimo e um optimo companheiro de lutas.

Boas vindas e longa vida.

Comicio na Lapa— Domingo, 26 do corrente, a hora que opportunamente será annunciada, realizar-se-á na Lapa, promovido pelo nosso jornal, um comicio anticlerical, no qual tomarão parte varios oradores.

Correspondencia— Toda a correspondencia relativa á redacção ou administração do nosso jornal deverá ser endereçada ao nome d'*A Lanterna* ou ao do administrador, Edgard Leuenroth. Com qualquer outro endereço, soffrerá demora e causar-nos-á embaraços.

Cliché—O *cliché* que publicamos — o padre que vai engulir a pilula da Republica Brasileira, apesar do rotulo — foi-nos amavelmente cedido pelos nossos collegas da *Tribuna Italiana*..

Publicações periodicas

Um dos nossos amigos encarrega-se de receber assignaturas, por intermedio desta redacção, para as seguintes publicações:

L'Ecole Rénovée

Revista quinzenal fundada por Francisco Ferrer, destinada á exposição das novas tendencias do ensino e á propagação dos methodos racionaes e praticos.

Redactores: Charles Albert e Maurice Dubois — 61, Rue du Cardinal Lemoine, Paris (V) — Assignatura annual: **5$000.**

NOTA. — Depois do assassinato de Ferrer, que fazia face á maior parte dos gastos desta publicação, *L'Ecole Rénovée* tem a vida menos segura e depende do numero de assignantes. Todos aquelles que querem honrar a memoria de Ferrer, contribuindo para a continuação de suas obras, todos os professores estudiosos e amantes da pedagogia nova e da sua propria missão, concorram com o seu esforço para a vida desta revista, assignando-a.

Les Temps Nouveaux

Revista quinzenal sociologica, com um supplemento literario. — Director: Jean Grave. — Assignatura annual: **3$000.**

La Guerre Sociale

Semanario revolucionario. — Redactor-chefe: Gustave Hervé.

Assignatura annual: **5$000.**

A Sementeira

Publicação semanal illustrada de critica e sociologia. — Lisboa.

Assignatura annual: **2$000.**

A Vida

Hebdomadario operario. — Porto. — Assignatura semestral: **1$500.**

Internaca Socia Revuo

Revista mensal em esperanto, dedicada ao movimento social. — Paris.

Assignatura annual: **2$500.**

A venda nesta redacção:

O Clarão

Publicação eventual racionalista— Porto. — Cada exemplar: **100 reis.**

Bilhetes e recados

Ribeirão Preto—Simão XIII: A remessa tem sido feita cuidadosamente; se ha falta, deve-se ao correio. Tomamos nota das tres assignaturas. Gratos.— F. Babiera: Muito bem! Da actividade dos nossos amigos depende o nosso exito. Saudações.

Rio — J. Rodrigues: Mandamos os 20 exemplares. Saudações.

S. Paulo—F. S. Fittipaldis: Muito bem; agradecemos a promessa. Saudações.—Atomo da Bahia: Agradecidos pelo incitamento. Quanto ao misero padre, não vale a pena publicar-lhe o retrato ou dar-lhe o correctivo: seria gastar cera com ruins defuntos e dar-lhe demasiado valor, pagando-o por bom. A poesia que manda é realmente bellissima; ficará reservada para um numero especial, pois não é adequada ao caracter habitual da nossa folha. Saudações cordiaes.

Uberaba—M. Ponce: Tomamos nota das tres assignaturas. Vassimon deve avisar com antecedencia. Saudações.

Mayrink—H. Hansen: Passamos o pedido ao comité da Escola Moderna. Bravo pela vossa propaganda. Saudações.

E. S. do Pinhal— Liga Operaria: Vassimon ainda demora; opportunamente avisará. Saudações.

V. Americana—Sandoval: Tomamos nota da nova assignatura; gratos. Saudações.

Nictheroy — F. Dias F. Recebemos os 10$ e depois mais 20$. Tomamos nota das assignaturas. Foram as collecções. Gratos. A edição d'*Os Crimes de Deus* está esgotada; mas cremos que brevemente teremos outra aqui. *El poder temporal de los Papas*, não conhecemos, mas vamos procurar. *O Amor livre*, de C. Albert, não conhecemos em portuguez. Procuraremos obter alguns numeros do tal jornal. Saudações.

Jardinopolis—J. Zucchi. Temos mandado pontualmente o jornal a todos; a culpa não é nossa. Tomamos nota dos assignantes. Gratos. Quanto á resposta, é preciso notar que lutamos com a falta de espaço. Saudações.

Santos—J. M. Bittencourt: Agradecemos a sua gentileza; mas por tão pouco não vale a pena incommodar-se. Contamos com a solidariedade dos bons, como o amigo. Saudações. — Um infantil revolucionario: Muito bem! Segue o bom caminho e deve continuar estudando, formando uma consciencia livre. Saudações!

Campinas — A. M. Silveira: O artigo foi-nos entregue fóra de tempo, porque foi endereçado a Benjamim Mota, que só com algum atraso o pôde fazer chegar ás nossas mãos.

EXPEDIENTE

Pedimos a todos os amigos e correligionarios que enviem cartas, dinheiro, vales. e tudo quanto concerne á administração o favor de endereçar a correspondencia ao administrador d'A LANTERNA — **EDGARD LEUENROTH.**

O endereço é: LARGO DA SE', 5 (sobrado), e não caixa do correio, como por engano saiu.

♠

Pedimos aos amigos que desejam acceitar o cargo de representantes d'*A Lanterna* em qualquer localidade do Brazil a fineza de nos escreverem, com urgencia, pelo que ficaremos immensamente gratos.

♠

Aos nossos assignantes e leitores rogamos o favor de, quando fizerem encommendas aos nossos annunciantes, citarem *A Lanterna* como o jornal onde encontraram a *réclame.*

♠

A todas as pessoas que nos escrevem prevenimos que, devido á numerosa correspondencia, nas é inteiramente impossivel responder pelo correio. Porisso, devem procurar n'*A Lanterna*, na secção *Bilhetos e recados* a resposta que sem inconveniente puder ser dada por ali.

♠

Apesar da praxe jornalistica, julgamos conveniente declarar que os artigos assignados são de exclusiva responsabilidade dos seus autores, salvo expressa adhesão nossa ás ideias por elles expostas.

Seguindo a orientação moderna da imprensa independente, queremos que o nosso jornal seja uma tribuna de livre discussão, para uma investigação sincera da verdade e como um éco ás aspirações do nosso tempo.

♠

Solicitamos de todos os amigos e leitores, com o fito de tornar mais vasto o raio de acção d'*A Lanterna*, que nos enviem toda e qualquer noticia de crimes e patifarias da padralhada, cortando-a do jornal, cujo nome deverão nos enviar assim como a data e o logar em que se publíca.

Através das publicações

El Progreso, de Buenos Aires, ns. 216, 217 e 218. E' uma excellente publicação anticlerical.

— *Alerta!* Titulo de um opusculo em prol do casamento civil. O autor, J. Velho, mais uma vez demonstra a má fé e os processos da padralhada contra o casamento civil.

— Da Igreja e Apostolado Positivista do Brasil, diversos folhetos de critica e de propaganda.

— Appellação n. 4.900. Razões do querellado, pelos drs. Raphael Correia e Augusto Barbosa.

— *La Rana*, jornal humoristico com caricaturas a cores, de Bolonha (Italia).

Aviso

Todos os perseguidos, todas as victimas do clero sem entranhas, dos governos semescrupulos e dos capilalistas gananciosos encontrarão n'*A Lanterna* todo o apoio e defesa

A' venda nesta redacção

Numero especial dedicado aos acontecimentos de Hespanha e á obra de Ferrer.

Publicação editada pela Commissão contra a reacção hespanhola no Rio de Janeiro.

Magnificamente impressa em papel de luxo, com o retrato de Ferrer na capa, esta polyanthea publica artigos e poesias sobre Ferrer e a sua obra; a exposição de principios e estatutos da Liga Internacional para Instrucção Racional da Infancia; notas bibliographicas sobre as publicações da Escola Moderna, etc.

PREÇO VOLUNTARIO

«A LANTERNA» NO RIO

é encontrada á venda nos seguintes pontos:

Na Federação Operaria, rua do Hospicio, 166.

CAFÉ CRITERIUM, largo do Rocio;

Na rua Visconde de Sapucahy;

Na rua da Assembléa, esquina da rua do Carmo, (engraxate);

THEATRO S. PEDRO, á praça Tiradentes;

RUA DO OUVIDOR, no salão de engraxate, ao lado do Café Iava.

Ribeirão Preto

Na Livraria Selles á rua Amador Bueno, 41 e 43, vende-se *A Lanterna* a 100 réis o numero avulso.

Retratos de Ferrer

Um amigo poz á venda em nossa redacção, ao preço de 2$, diversos exemplares de uma boa photographia do grande martyr.

Joaquim Marques Rolo

Este senhor, morador em Cataguazes, Minas, ou em suas immediações, é procurado por Adelina Rodrigues Maçãs, residente no Rio, á rua do Hospicio n. 166, Federação Operaria. Como não seja sabido o seu paradeiro, roga-se a transcripção deste a todos os collegas.